

---

## **A HISTÓRIA, O ENSINO E AS NEGRAS DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS**

Edivania Granja da Silva Oliveira  
Professora do IF Sertão PE Campus Petrolina  
Especialista em História e em Educação  
edivania.granja@gmail.com

A colonização brasileira foi baseada no sistema de capital mercantil, dentro da lógica do Antigo Regime, no qual priorizava o acúmulo de capitais extraído da colônia para a metrópole, tendo como elemento fundamental nesse processo a escravidão. De acordo com essa estrutura de produção e seu condicionamento mercantilista, podemos esclarecer que a colônia brasileira foi montada e representada pelo tripé da monocultura, do latifúndio e da escravidão (RANGEL, 1993).

A ideologia predominante na colônia brasileira foi a do colonizador com a noção de dominação reforçada pelo regime paternalista, em que o patriarca (“coronel” ou senhor de engenho) era o árbitro universal e, ao mesmo tempo, o protetor da sua família e comunidade que dele dependiam reforçado pelo regime escravocrata aplicado à monocultura. (FAORO, 1998).

A ideologia patriarca pode ser concebida como mediação de conflitos de classe através de disputas entre senhores e escravos. (Thompson, 1987).

Assim, a ideologia dos escravocratas, reforçada pelo pacto colonial monopolista, só irá ser contestada com a introdução do liberalismo econômico através da abertura dos Portos, por D. João em 1808, e depois com a escassez da força de trabalho após o fim da escravidão, já que o regime escravocrata perdurou depois da abertura comercial e da independência política (BOSI, 1995).

Em relação ao sertão nordestino a economia era baseada na agricultura e na pecuária destinado a subsistência e o excedente para o abastecimento do mercado interno.

A partir da segunda metade do século XIX, a utilização da mão-de-obra cativa voltada à criação de gado torna-se lucrativa. (GALLIZA, 1979).

Sobre a composição semelhante ao sertão nordestino de uma maneira geral, a sociedade nordestina, diz ainda FALCI (2001) que é “(...) fundamentada no patriarcalismo. Altamente estratificada entre homens, mulheres, entre ricos e pobres, entre escravos e senhores, entre “brancos” e “caboclos”. (...).

Nessa sociedade patriarcal escravista observa-se que a relação de poder é determinada pela aproximação do cativo com o centro de poder. Assim, o cativo “quanto mais próximo

estivesse do centro de decisão da casa, maiores as suas chances de conseguir algumas vantagens em termos de alimentação, vestuário, e, quem sabe até a alforria”. (CARVALHO, 1988).

Ainda sobre o patriarcalismo, PATEMAN (1993: 45 e 135) esclarece que,

o poder natural dos homens como “indivíduos” abarca todos os aspectos da vida civil. A sociedade civil (como um todo) é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública: de fato, o direito patriarcal dos homens é o principal suporte estrutural unindo as duas esferas em um todo social. O direito masculino de acesso aos corpos das mulheres é exercido tanto no mercado público quanto no casamento privado, e o direito patriarcal é exercido sobre as mulheres e seus corpos de outras formas além do acesso sexual direto (...).

Explicam-se também as atividades domésticas desempenhadas pela escrava na casa do senhor, conseguindo muitas vezes a liberdade. Mas, ao conseguir a alforria, as mulheres encontram-se em condição inferior aos homens, já que o predomínio da ideologia patriarcal dominante do homem branco sobrepunha a todos, inclusive ao escravo, que absorvia muitas vezes essa concepção. (CARVALHO, 1988).

Sobre a escravidão no sertão pernambucano, MALPEOU (2008) diz:

Índios, negros e mestiços, estes são os escravos do Sertão médio São Francisco na segunda metade do século XIX. (...) podiam ser chamadas de várias formas: crioulo, cabra, mulato, preto, pardo, caboclo, fula, índios, moreno ou angola. (...) Para os senhores de escravos, essas pessoas não eram mais do que uma raça degenerada, preguiçosa e inclinada à prática de roubos. Todavia, é essa raça degenerada que trabalhava na roça, podendo a qualquer momento ser vendida e proporcionar lucro para eles. Tradicionalmente, um grande plantel de escravos, era marcado pelo desequilíbrio entre homens e mulheres. (...) tal perfil demográfico não é válido para a região do médio São Francisco (...). Apesar do equilíbrio qualitativo, os espaços reservados aos homens e as mulheres parecem claramente demarcados numa sociedade patriarcal como a do Sertão. (...) O espaço por excelência da mulher no Sertão, seja ela rica ou pobre, limitava-se ao interior da propriedade rural, e, de preferência, ao interior das casas (...). A produção têxtil é igualmente uma atividade quase que exclusivamente feminina. Desde o plantio até a colheita, a cultura do algodão é de responsabilidade de agriculturas, livres e escravas.

Partindo do estudo sobre o papel das mulheres escravas no universo da sociedade patriarcal do sertão nordestino faz-se necessário destacar o papel das negras da Comunidade Remanescente de Conceição das Crioulas, em particular as “escravas libertas que fundaram esse quilombo.

Nessa localidade a luta pela terra é uma constante também. Inclusive, os relatos dos mais velhos é que as negras, fundadoras do quilombo Conceição das Crioulas, inicialmente arrendaram uma área e em 1802, compraram a posse das terras, conseguindo a escritura com o carimbo da Torre, dezesseis selos, feita por José Delgado, escrivão do cartório de Flores. Mas,

---

os fazendeiros da região trataram de não reconhecer o documento. E que as mulheres dessa comunidade lutam pela posse dessa terra há duzentos anos.

Reforçando a importância da luta pela terra como componente cultural territorial, destaca-se:

O território é uma condição essencial porque define o grupo humano que o ocupa e justifica sua localização em determinado espaço. Portanto, a terra e o terreiro não significam apenas uma dimensão física, “mas antes de tudo é um espaço comum, ancestral, de todos que têm o registro da história, da experiência pessoal e coletiva do seu povo, enfim, uma instância do trabalho concreto e das vivências do passado e do presente (ANJOS, 2006: 49).

O Quilombo Conceição das Crioulas foi formado por mulheres, daí parte-se para estudo de gênero e da micro-análise histórica a partir da macro-histórica para compreender as relações sociais, o papel desenvolvido pelas mulheres dessa comunidade na luta contra a ideologia dos fazendeiros da região.

Perceber a representação simbólica da imagem feminina e sua importância na origem, no desenvolvimento sócio-cultural e econômico, a perpetuação dos papéis exercidos por as mulheres de Conceição das Crioulas como permanência na liderança feminina da comunidade.

A análise desse estudo considera as categorias de gênero na perspectiva de rompimento com a idéia de uma “condição feminina”, idealizada, mítica e universal de pesquisas recentes a respeito de gênero.

Assim, DIAS (1995, p. 13) destaca que,

O pressuposto de uma condição feminina; idealidade abstrata e universal, necessariamente a – histórica, empurra as mulheres de qualquer passado para espaços míticos sacralizados, onde exerceriam misteres apropriados, á margem dos fatos e ausentes da história.

Percebe-se sujeitos reais, com suas lutas diárias, perdas e ganhos, negociações e conflitos, compõem cenários descontínuos e múltiplos de experiências dessa trajetória história. Por isso, MATOS (1998, p.67),

[...] A expansão dos estudos de gênero na história localiza -se no quadro de transformações por que vem passando a história nos últimos tempos, sendo possível afirmar que, por razões internas e externas, esses estudos emergiram da crise de paradigmas tradicionais da escrita da história, da qual essa disciplina saiu nitidamente revigorada.

---

As resistências e mudanças, inclusive as transformações do senso comum passam pelas experiências vivenciadas no cotidiano por mulheres e homens comuns.

Dentro desse contexto podemos inserir o estudo do universo feminino, como afirma PRIORE (2003), "no interior da qual gestos e práticas são pensados e analisados como formas de cultura".

Ainda sobre o estudo de gênero, de acordo com BUTLER (1987: 139-140),

não só somos nós culturalmente construídos com, em certo sentido, construímo-nos a nós mesmos. Percebe-se a construção de gênero em Conceição das Crioulas como uma desestabilização em relação à ordem patriarcal, já que não é evidenciado diferenças políticas entre os sexos, as mulheres não são discriminadas e nem ocupam posição de inferioridade em relação aos homens na atuação do espaço público e político.

Esta pesquisa histórica pretende descortinar o papel desempenhado pelas mulheres da comunidade do Quilombo Conceição das Crioulas na luta contra a ideologia dos fazendeiros do sertão nordestino com suas leis, costumes, castigos e o predomínio sócio-econômico desse grupo. Levamos em consideração o papel que as mulheres exercem no presente da comunidade ao se responsabilizarem pela preservação dos costumes e proteção do patrimônio material conquistado.

Nessa perspectiva de gênero será considerado a matrifocalidade o ponto central da existência das comunidades negras e afro-descendentes no empenho de verificar o papel das mulheres negras na preservação e na transmissão de práticas materiais e simbólicas de origem africana na comunidade Conceição das Crioulas.

Sobre as famílias negras, RUSSEL-WOOD (2005: 34) escreve que:

A discussão dos arranjos domésticos e familiares dos escravos deve centrar-se no papel e na condição da mulher. A instituição da escravatura, os caprichos dos donos e os costumes predominantes na América espanhola e portuguesa exerciam sobre as escravas uma série de pressões sociosexuais. Essas milhavam contra uma família escrava composta de pai, mãe e filhos. Disso resultou a intensificação do papel da mãe e a tendência das famílias escravas de serem matrifocais.

Então, definir os poderes femininos permitidos por uma situação de sujeição e de inferioridade significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina, contra o seu próprio dominador.

Como fora dito, nosso estudo será realizado na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, localizada na zona rural do município de Salgueiro, sertão central de Pernambuco, possui atualmente cerca de 4.000 remanescentes quilombolas. Será através de

---

pesquisa descritiva, participativa e exploratória, o qual focalizará o estudo da comunidade em seus aspectos relevantes quanto às relações de gênero.

A formação do quilombo Conceição das Crioulas baseia-se no mito fundador de seis mulheres negras na preservação das tradições culturais de matriz africana. Pode ser compreendida a importância dos papéis exercidos pelas mulheres desde a fundação e ocupação pelas negras nessa comunidade, perpassam de geração a geração através de relatos orais com a questão da posse e compra da terra que compõe a comunidade, de acordo com LITTE (2002: 11):

(...) a expressão dessa territorialidade, então, não reside na figura de leis ou títulos, mas se mantém viva nos bastidores de memória coletiva, que incorpora dimensões simbólicas e identitárias na relação do grupo com sua área, o que dá profundidade e consistência temporal ao território (...).

De acordo com EGYDIO & OLIVEIRA (1999:40):

(...) A mulher negra, para resgatar sua identidade, vem encontrando apoio em grupos organizados por mulheres negras que abrigam, dentro de um corpo. Várias personalidades resgatadas a partir de uma tradição primordial africana. Mulheres negras, heroínas, guerreiras; personalidades multifacetadas que se confundem e se completam a fim de fazer realçar o glamour e a nobreza de seu povo.

Nesse caso, a luta dos remanescentes de Conceição das Crioulas pode ser pela ação representativa de práticas de valorização da história na busca pelo mito-fundador das “seis negras”, como elo agregador da comunidade, questiona-se a relação patriarcal e excludente no intuito de recriação, pertencimento e de afirmação, enquanto referencial de resistência de luta pela atual comunidade

A análise histórica deve considerar que compreender o passado dessa comunidade, sua origem africana é no intuito de conhecer o presente para entender a cultura, a identidade, as lideranças femininas e as memórias que permanecem nos remanescentes das „crioulas“ de Conceição das Crioulas.

De acordo com a Associação Brasileira de Antropólogos para aplicação do Artigo 68 do ADCT, divulgou, em 1994, um documento elaborado pelo Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais em que se define o termo “remanescente de quilombo”:

Contemporaneamente, portanto, o termo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas de

resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO, 2009).

A comunidade Conceição das Crioulas foi reconhecida como remanescente quilombola por ser constituída, de acordo com grupos que compartilham identidades, distintas dos demais e por possuem alguns dos fatores como ancestralidade comum, estrutura de organização política própria, partilha de elementos lingüísticos, religiosos ou de símbolos específicos, como o compartilhamento de um repertório cultural comum, e ao mesmo tempo, como membros do grupo se identificam com subjetividades singulares como afirma SOUZA (2006: 3):

(...) Mulheres que, na multiplicidade das experiências constituídas de suas subjetividades, exerceram a posição de sujeitos ao atuarem como articuladoras das ações da comunidade, trabalhadoras rurais, artesãos, mães, esposas, educadoras, políticas, articuladoras das ações da comunidade, destacando enfim, várias dimensões de suas histórias (...).

Além de estabelecer condições de compreensão da noção de cotidiano, apontando para um olhar histórico que permita o seu emprego, metodologicamente, na investigação dos significados que as representações sociais fazem surgir das relações entre os seres humanos.

Neste contexto, o cotidiano pode ser ponto de partida da interpretação histórica, sem contudo, deixar de colocar algo de empírico na investigação histórica do cotidiano através da técnica da história oral.

Baseado em THOMPSON (1992), a utilização da história oral “como história construída em tomo de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o campo de ação”. Relata ainda que:

A história oral (...) implica uma analogia enganosa, já diferenciados da história-econômico, agrícola, médico, legal e assim por diante. Ao passo que a história oral não pode nunca ser “compartimento” da história, propriamente: é uma técnica que presumivelmente, pode ser utilizada em qualquer ramo da disciplina. Sua denominação também sugere – na verdade requer – uma área de trabalho diferenciada, quando de fato, para quem quer que tenha coletado evidência oral em campo, durante qualquer espaço de tempo, é evidente que compilar fontes orais é uma atividade que aponta para a conexão existente em todos os aspectos da história e não para a divisão entre eles.

No contexto da luta pela afirmação da posse da luta e da história de povo de Conceição das Crioulas, a educação é uma das prioridades do Quilombo, servindo como referência para outros quilombos, como destaca a Associação:

A comunidade construiu um projeto de “educação específica e diferenciada” que trabalha com uma concepção de educação em que “os valores, a cultura, os costumes, as tradições, a sabedoria das pessoas mais velhas e a história dos antepassados fazem parte do processo histórico da comunidade”, servindo de “inspiração e reafirmação do ser quilombola (AQCC: 2007).

A comunidade tem dedicado a aplicação da Lei dentro do universo educacional como forma de conscientização dos membros da comunidade, do seu papel como sujeito histórico, na contribuição da sociedade brasileira, como ainda destaca a Associação:

Com os conhecimentos adquiridos através do resgate da história local e o desenvolvimento de vários projetos pedagógicos, o povo começa a compreender que sua história tem um significado importante para a aceitação e valorização da auto-estima. Hoje, grande parte do nosso povo já se afirma enquanto negros e negras quilombolas, sem ter vergonha de se expor a preconceitos e estereótipos e se orgulham em pertencer a uma etnia de pessoas que se organizam e lutam em busca de seus ideais (AQCC: 2003).

Com relação ao investimento na educação da comunidade deve ser destacado que a comunidade dispõe de várias escolas e que 90% dos professores do quadro dessas escolas são da própria comunidade, possuindo uma boa infra-estrutura, inclusive com a implantação da primeira biblioteca afro-indígena do Brasil. Sendo modelo para educacional para outras comunidades quilombolas do Brasil.

Assim, é possível afirmar que a resistência negra se deu por meio de formação de espaços, de luta e, também, através do papel das mulheres na preservação e na transmissão de práticas materiais e simbólicas da comunidade.

Desta forma, sugere-se o aprofundamento de estudos referentes à formação de quilombos e a situação das comunidades de quilombos remanescentes na luta pela posse definitiva da terra, tendo em vista o escasso número de publicações científicas referentes ao assunto.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, R. S. A. dos. **Quilombolas: tradições e cultura da resistência**. Aori Comunicação. São Paulo, 2006.

BOSI, A. Formação ideológica na cultura brasileira. **Estudos avançados**, v. 09, n. 25, São Paulo, 1995.

BUTLER, Judith. **Problema de Gênero: feminismo e sua versão da identidade**. Tradução Renato Aguiar, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1987.

CARVALHO, M. J. M. Liberdade, liberdades, alforria. In: **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no recife, 1822-1850**. Ed. Universitária – UFPE. Recife, 1998.2

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO:

[http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/oque/home\\_oque.html](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/oque/home_oque.html), acessado em 30/03/09.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva . **Quotidiano e poder em São Paulo no Século XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

EGYDIO, Silva; OLIVEIRA, Kiussan Regina de. **Yabas: mulheres negras, densas, heroínas e orixás: personalidade sem fronteira**. Revista Cultura/Vozes, Rio de Janeiro, n. 7, p. 30-41, julh/ago, 1999.

FALCI, M. K. Mulheres do sertão nordestino. IN: PRIORE, Mary del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 4ª edição. Editora Contexto. São Paulo, 2001.

FAORO, R. **Os Donos do Poder – Formação do Patronato Político Brasileiro**. 13ª Edição. Ed. Globo. São Paulo, 1998.

GALLIZA, D. S. de. **O Declínio da Escravidão na Paraíba, 1850 – 1888**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.

LITTLE, Paul. E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma Antropologia de territorialidade**. Brasília: UNB, 2002. Série Antropológica 322.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea**. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 11, p. 67-75, 1998.

MAUPEOU, E. C. **Cativeiro e Cotidiano num ambiente rural – O Sertão do Médio São Francisco (1840-1888)**. Dissertação de Mestrado CFCH-UFPE, Recife, PE, 2008.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PRIORE, M. Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. 5ª ed. Editora Contexto. São Paulo, 2001.

RANGEL, I. 500 anos de desenvolvimento da América e do Brasil. **Revista Geosul**, ano VII, n. 15. Florianópolis, 1993, p. 09 e 10.

RUSSEL-WOOD. A.J.R. **Escravos e Libertos no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOUZA, Maria Aparecida de Oliveira. As mulheres, a Comunidade de Conceição e suas lutas: histórias escritas no feminino. Brasília: UNB, 2006.

THOMPSON, E. P. **A voz do Passado – História Oral**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1992.